

MAL-ESTAR E METANOIA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO ROMANCE *O HOMEM DA MÃO SECA*, DE ADÉLIA PRADO¹

Jailma da Costa Ferreira

Universidade Estadual da Paraíba – jailma.jdf@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma leitura crítico-analítica do romance *O homem da mão seca* (2007), da escritora Adélia Prado, a partir da personagem-protagonista, Antônia. Para tanto, recorrer-se-á às discussões postuladas por Freud (1996) em *O mal-estar na civilização* e ao conceito junguiano de metanoia, interpretado por Monteiro (2008). De acordo com a teoria freudiana, o mal-estar é gerado pelo excesso de privações, em que o sujeito deve obedecer às normas da civilização em detrimento as suas pulsões. Já o processo de metanoia, conforme Monteiro (2008), pode ser compreendido como uma crise existencial pela qual o indivíduo passa no período da meia-idade. No romance adeliiano, a protagonista, que também é a narradora, conta a sua história de vida como se estivesse escrevendo em um diário. Através de sua escrita, percebe-se que Antônia vivencia a fase de metanoia, reconhecendo-se em crise em relação àquilo que deseja e àquilo que, de fato, escolheu ser/viver, o que resulta no mal-estar vivido pela protagonista. Pretende-se ainda analisar a condição de Antônia enquanto mulher, cujos valores são forjados pelo modelo familiar burguês, a partir das contribuições teóricas de Gotlib (2003) e Machado (2010).

Palavras-chave: Adélia Prado, Narrativa, Mal-estar, Metanoia.

INTRODUÇÃO

O romance *O homem da mão seca* é uma narrativa escrita em primeira pessoa, em que a personagem-protagonista narra a sua própria história de vida. A obra configura-se como uma espécie de cinco cadernos de diários compilados, nos quais Antônia, protagonista do enredo, expõe seus conflitos existenciais em relação àquilo que ela possui, mas que não são suficientes para lhe satisfazer, a exemplo da religião, do esposo e dos filhos. A partir desses conflitos, é possível identificar que a personagem está passando por um período de reavaliação de seus valores, daquilo que construiu durante sua vida, mas que não lhe é mais suficiente, não lhe apraz mais.

Em cada capítulo do livro, os sabores interior vão sendo colocados em evidência, os questionamentos, acerca da vida que construiu, vão surgindo cada vez mais fortes e inquietantes. A dor de dente, mencionada no início do romance, é o ponto chave

¹ Este artigo é um recorte do projeto de pesquisa de iniciação científica “Mal-estar na cultura: posições ocupadas pela mulher no modelo familiar burguês através da escritura de autoras brasileiras contemporâneas” (PIBIC/CNPq/UEPB) e do trabalho de conclusão de curso, “Mulher de meia idade e escrita de si na ficção brasileira contemporânea: uma leitura de *O homem da mão seca*, de Adélia Prado”, ambos desenvolvidos por mim, sob a orientação da professora Dr^a Rosângela Maria Soares de Queiroz.

para o desdobramento de toda a narrativa. Pois, essa dor provoca-lhe uma profunda indecisão: permanecer com o dente (por medo de ir ao dentista) e continuar sentido dor ou arrancar o dente e livrar-se do incômodo.

A incerteza, acerca de que decisão tomar em relação ao dente, sinaliza para a angústia que vai ser vivida por Antônia ao longo da obra *Adeliana*, pois a personagem vive no limiar entre abandonar a vida cômoda e segura, que construiu ao lado do esposo e dos filhos, e romper com esses paradigmas em busca de outros prazeres, outras experiências. As insatisfações de Antônia geram um profundo mal-estar, o que desencadeará em duras crises existenciais, as quais a levarão a voltar-se para dentro de si mesma, a fim de descobrir as raízes de sua inquietude e encontrar meios de aceitar aquilo que até então a desagradava, a exemplo de continuar casada; manter sua fé e conformar-se por estar envelhecendo.

Sendo assim, torna-se possível perceber que o romance *Adeliano* também abre margem para uma discussão acerca da realidade histórica e social vivida pelas mulheres nos séculos passados, e que deixaram seus resquícios na sociedade atual, causando-lhes um intermitente mal-estar de ter que obedecer a uma ordem social, em que “o nome da mulher, tanto quanto sua pessoa, devia se manter dentro de casa” (MACHADO, 2010, p. 312). A mulher, nesta perspectiva, está privada de experimentar a vida fora do espaço doméstico, sendo impedida, muitas vezes, de ocupar outros papéis sociais além daqueles predeterminados pela família burguesa: esposa, mãe e dona de casa.

Isto considerado, este trabalho tem como objetivo discutir a posição social assumida por Antônia, na narrativa, à luz do conceito de *Metanoia* (Monteiro, 2008) e *Mal-estar* (Freud, 1996). Vislumbrando, pois, perceber, como essa posição contribui para que a personagem-protagonista desenvolva uma série de conflitos interiores, os quais são próprios ao período de meia idade, fase pela qual passa a protagonista, tendo em vista que ela tem 50 anos de idade; e identificar como o mal-estar é ocasionado através desses conflitos.

Desse modo, esta pesquisa faz-se relevante por dar visibilidade à ficção de Adélia Prado, uma vez que a escritora é conhecida nacionalmente pelos seus poemas, ficando sua prosa à margem, muitas vezes esquecida e até desconhecida; também por dar visibilidade a literatura escrita por mulheres, que no *corpus* deste trabalho dá voz e protagonismo a uma mulher de meia idade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se, quanto à abordagem, como qualitativa, sendo compreendida “como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (GIL, 2002, p. 133). E quanto ao procedimento, optou-se pela pesquisa bibliográfica, a qual é realizada através do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas, como: livros, artigos científicos, teses e dissertações; tendo em vista que este é o meio primordial para se fundamentar um trabalho científico, proporcionado ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002).

Portanto, recorreu-se aos estudos de Freud (1996), acerca do mal-estar na modernidade; às contribuições teóricas de Monteiro (2008), acerca do conceito Junguiano de metanoia e/ou crise de meia idade, a fim de se discutir sobre como tais aspectos decorrem na narrativa, a partir dos comportamentos e decisões da personagem-protagonista, Antônia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance tem início com Antônia relatando uma dor de dente, a qual lhe acompanhará por toda a narrativa. A dor assinala para o incomodo existencial vivido pela protagonista, como se lê: “o universo inteiro, Deus incluído, é este o ponto doloroso no meu dente” (PRADO, 2007, p. 7). Este ponto doloroso também se configura na relação com os filhos, com o marido e com a religião. Ao sentir-se insatisfeita com essas instâncias, Antônia deseja esquivar-se deles. Há uma ânsia em libertar-se de tudo isso, mas ao mesmo tempo lhe parece impossível esse desprendimento. Bauman (1998) explica este comportamento dúbio, da seguinte forma:

Dentro da estrutura de uma civilização concentrada na segurança, mais liberdade significa menos mal-estar. Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mas ordem significa mais mal-estar (BAUMAN, 1998, p. 9).

Antônia, por sua vez, prefere ficar presa aos paradigmas sociais, não se desvencilha dos seus lugares seguros, talvez por medo do que os outros possam pensar ao seu respeito. Uma vez que a sociedade

predetermina os papéis sociais que cada um deve ocupar/assumir, o sujeito tende a procurar se enquadrar nesses moldes para assim obter a aceitação dos demais sujeitos.

Há um duelo angustiante vivido pela personagem-protagonista: tratar ou não o dente. Contudo, esse duelo aponta para os seus duelos interiores: abandonar ou não a Deus; abandonar ou não Thomaz, a família, os filhos. Desse modo, o dente representa tudo o que está fora do lugar em sua vida, tudo o que precisa ser retirado, modificado, curado. Apesar de ser um elemento externo, o dente representa muito mais as feridas internas, interiores, feridas resultantes de escolhas incertas, de respostas que não lhe foram respondidas, a exemplo de ter um bom marido, mas não sentir-se feliz com ele; ser católica, mas não sentir-se em paz com os dogmas da sua religião; ter filhos adultos, mas querê-los crianças. E isto causa-lhe um profundo mal-estar.

Estou emparedada. Quero abandonar Thomaz, a família, tudo, quero caçar Deus a pau. Não quero nada. Quero só que não exista o que me pede tratar meu dente a frio. Ainda que disto dependa a vida dos que gerei, não sou capaz. Thomaz sumiu, deve estar rezando por mim, suplicando a minha cura, tenho certeza. O Deus vivo tem um motor na mão e quer que eu abra a boca pra Ele tocar meu dente sem anestesia. Estou cansada, quase desinteressando deste assunto, que só diz respeito a mim e a Ele. Ele, de quem não me esqueço um só dia em minha vida, Ele que me ama com paixão. Queria... não tenho o que dizer pra completar um sentido e merecer a graça de ir vivendo como todo o mundo. (PRADO, 2007, p. 11 [grifos nossos]).

Antônia mostra-se completamente perturbada diante da necessidade de tratar o dente. Entende-se, pois, que a dor de dente e o mal-estar causado por esta dor é um sintoma psicossomático, mas não só. É também uma metáfora do próprio estado emocional no qual a personagem-protagonista se encontra, como já dito anteriormente. Diante destes conflitos que vão se instaurando em seu interior, ela sente-se emparedada. O desejo de abandonar a família, bem como seu incômodo diante de Deus, está associado ao que estes lhe impõem: tratar o dente.

A negação de tratar o dente somado ao desejo de abandonar a instância familiar e religiosa causa-lhe um sentimento de culpa, pois de um lado estão seus desejos, de outro está aquilo que a sociedade lhe impõe, o que resulta no mal-estar contínuo vivido por Antônia.

Por conseguinte, é bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça inconsciente, ou apareça como uma espécie de *mal-estar*, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações. (FREUD, 1996, p. 84).

Dito isto, percebe-se que a protagonista da narrativa vive um momento de crise entre aquilo que ela é, aquilo que desejaria ser e aquilo que lhe é imposto pelo sistema social ao qual pertence. No entanto, é importante salientar que “crise quer dizer movimento, mudança, e não necessariamente desastre” (BOHADANA, 2008, p. 15). É, pois, o momento de repensar de forma mais livre aquilo que a pessoa se tornou em detrimento àquilo que ela gostaria de ser. É um momento de autoconhecimento, de mudanças de rotas e de novas decisões. Normalmente este período é vivido durante a meia idade, a qual “oferece a oportunidade a cada um de tornar-se um sujeito da sua própria história, um indivíduo no sentido mais amplo do termo – além do determinismo dos pais, dos complexos, das conservas e condicionamentos culturais” (RAMALHO, 2010, p. 1).

Contudo, isso não acontece de forma passiva, mas antes gera no indivíduo muitas inquietações e questionamentos, por isso é tão difícil para Antônia arrancar o dente, pois mais que um procedimento clínico/cirúrgico, arrancar o dente significaria romper com o velho, romper com o lugar confortável onde está acomodada. O medo da dor interdita Antônia diante desta tomada de decisão: “Tenho medo de dor, não sei se quero ser curada [...]” (PRADO, 2007, p. 12).

Considerando que desprender-se do dente seria desprender-se também de sua ‘vidinha’ cômoda, tal processo levaria a personagem-protagonista trazer à luz desejos sublimados, recalcados, os quais, provavelmente, não estavam de acordo com a cultura da sociedade; os quais exigiriam dela novas posturas, novos posicionamentos e até mesmo algumas (ou muitas) rupturas. Todavia, ela não parecia pronta para enfrentar toda esta mudança. Porém, se o sujeito não está disposto a abrir-se para reconhecer e trazer à luz suas realidades recalçadas, ele não mudará e dificilmente superará esse momento de crise, pois “[...] não há desenvolvimento se não aceitarmos a sombra” (JUNG, 2002, p. 334), isto é, se não houver aceitação as mudanças causadas pelo período de metanoia.

O questionamento sobre quem ela é remete a autorreflexão, um processo próprio ao período da metanoia. Nesse período, o indivíduo começa a olhar para dentro de si e questionar-se acerca da sua vida, dos seus

desejos, das suas escolhas, da sua fé, etc. É uma volta ao mundo interior, é o momento de vir à tona o *self*, o si mesmo, aquilo que a pessoa verdadeiramente é, mas que foi reprimido ao longo de sua vida.

Isso resulta, portanto, no processo de individuação, sendo a “constituição e particularização da essência individual e original que cada um de nós é [...]” (MONTEIRO, 2008, p. 58). Neste caso, entende-se por essência aquilo que o ser humano é individualmente, que não se repete e que o constitui único no mundo, sem cópias.

Sentindo-se censurada, pela sociedade, representada na fala da família, das amigas e no discurso religioso, a protagonista recua frente aos seus projetos de realização interior, buscando através de atitudes reparadoras encontrar um estado de equilíbrio, entre aquilo que deseja e aquilo que, a sociedade diz que, ela pode ser. Este equilíbrio é embasado no reconhecimento e na valorização do amor de Deus e este (amor) é reconhecido por ela a partir daqueles que a amam: [...] ó Deus, meu papaizinho, era amor o que me fazia odiar, um amor irreconhecível, embaraçado no medo. [...] Os que me amam têm Vossa face e eu descanso [...]” (PRADO, 2007, p. 146).

Nesse sentido, Freud (1996) vai afirmar que o sentimento de culpa gerado pela civilização, a partir das imposições sociais e culturais, não será desprezado pelas religiões, antes, elas irão alegar redimir o sujeito desse sentimento de culpa. Por essa razão, é através da sua resignação e obediência a Deus, demarcado pelo discurso cristão, que Antônia decide continuar sua vida matrimonial, como forma de sentir-se curada e liberta da culpa que carregava por desejar abandonar a família.

Espírito Santo, rezei, me dê a força para o que eu sozinha não consigo, move-me de meu orgulho, leve-me ao que parece o desaparecimento de mim, estender a mão a Thomaz, à vontade do Pai. A VONTADE DO PAI! [...] Estendi-a na direção de Thomaz, a mão mirrada, e a recobrei perfeita como a outra, são. O que se fora de mim não me perdia, antes comigo mesma desposava-me, era um júbilo, eu salvava Thomaz, acolhendo o que me salvava [...] (PRADO, 2007, p. 187).

Ao pedir coragem ao Espírito Santo, o que antes ela não tinha coragem de fazer, a personagem-protagonista reconcilia-se com o marido, através da obediência a vontade de Deus, salvando o casamento, o marido e a ela mesma. Portanto, pode-se afirmar que a mão seca simboliza toda a secura, toda a aridez e todo o deserto atravessado por Antônia, sendo estes resultantes de uma vida fora do casamento, da maternidade e da religião.

Outra leitura possível a essa resignação de Antônia está imbricado ao fato de que ela não obteve a cura por si só, nem somente com o acompanhamento do psicanalista, mas ao submeter-se ao marido, simbolicamente representado pelo ato de estender-lhe a mão, o que enfatiza a falsa crença de que a mulher deve estar sob a dominação do homem.

Também seria coerente perceber, através dessa resignação da personagem-protagonista, uma das características recorrentes em muitas ficções contemporâneas escritas por mulheres, em que a mulher, enquanto personagem, não consegue romper com o sistema da família burguesa, ela chega até certo ponto, mas não consegue romper totalmente com esse sistema, como foi visto em relação a Antônia, ao cogitar deixar o marido, os filhos, a religião.

Os valores morais da família ainda estão pautados naquilo que se esperava da mulher oitocentista, que permanecesse na esfera privada, isto é no lar, e aprendesse apenas sobre “coser, lavar, fazer rendas e todos os misteres femininos, que inclui a reza” (GOTLIB, 2003, p. 27), o que reafirma os papéis sociais determinados pelo patriarcado. Nesse sentido, os desejos das mulheres, como acontece com Antônia, ficam apenas no plano das idealizações, não chegam, como se viu no romance, a cumprir-se.

CONCLUSÃO

Diante das discussões oportunizadas por esta pesquisa, pode-se afirmar que o mal-estar vivido por Antônia está relacionado àquilo que desejara ser e àquilo que, de fato, escolheu viver, condicionada pelos valores da sociedade patriarcal. Mesmo a metanoia sendo considerada uma fase de balanço e reflexão acerca da vida que o sujeito erigiu para si, portanto, um período propício à mudança de rotas, de escolhas, nota-se, na narrativa adeliãna, que a personagem-protagonista, embora passe por esse primeiro processo de reflexão, não consegue romper com aquilo que não a satisfaz.

Percebe-se com isso que, embora a personagem-protagonista busque romper com os paradigmas preestabelecidos pelo sistema familiar burguês, reconhecendo-se insatisfeita com os papéis sociais que ocupa: esposa, mãe e religiosa; mostrando-se transgressora “da moral e dos bons costumes”, ao apaixonar-se por outro homem, mesmo sendo uma mulher casada; sente-se culpada e prefere continuar onde está a assumir uma nova posição social. Consoante a estas considerações, evidencia-se no romance que a personagem-protagonista não assume uma posição diferente daquela que já vivia, pois assumir nova posição seria

um desnaturamento daquilo que sua formação doméstica e social ensinou-lhe ser. Desse modo, entende-se que a família e a religião são ao mesmo tempo fonte de bem estar, felicidade e segurança, mas também de conflitos e questionamentos. Nesse sentido, o som ecoante na narrativa configura-se com um sentimento de medo e de culpa.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BOHADANA, Estrella. O envelhecer e o tempo: um olhar filosófico. In: MONTEIRO, D. M. R. **Metanoia e meia idade**: trevas e luz. São Paulo: Paulus, 2008, p. 13-27.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Apostila do curso de especialização em comunidades virtuais de aprendizagem – informática educativa. Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2002.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Edição Standard Brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed . São Paulo: Atlas, 2002.
- GOTLIB, Nádía Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, Izabel; ZAHIDÉ, L. Muzart. **Refazendo nós**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003, p. 20-63.
- JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.
- MONTEIRO, Dulcineia de Mata Ribeiro. Metamorfoses da alma após a meia-idade. In: In: _____. **Metanoia e meia idade**: trevas e luz. São Paulo: Paulus, 2008, p. 53-86.
- PRADO, Adélia. **O homem da mão seca**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- RAMALHO, Cybele. **Psicodrama junguiano, meia idade e envelhecimento**. 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/239084353/Psicodrama-e-Envelhecimento>> Acesso em 29 jun. 2017.